

EDUARDO CINTRA TORRES

eduardocintratorres@fch.lisboa.ucp.pt

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

DEZ TELEGRAMAS SOBRE A LITERACIA DA IMAGEM

É com humildade que me dirijo a uma plateia com alguns dos maiores especialistas em literacia mediática do país. Não querendo ensinar o conto ao vigário, aqui deixo dez ideias em forma de telegramas.

1.º A imagem foi mudando de estatuto: nas grutas pintadas da pré-História era tudo; passou de desnecessária ao texto escrito a suplementar; até finalmente suplantar o texto escrito no nosso tempo. Mortos ou vencidos os iconoclastas, vivemos na era dos iconolatrás. Nesse sentido, o ensino da leitura das imagens torna-se muito importante no sistema educativo e no espaço público.

2.º A imagem tem uma linguagem praticamente universal; a sua mensagem literal e também o significado são apreendidos quase automaticamente no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste.

3.º Mas a imagem não tem uma “gramática” rigorosa, o que pode dificultar a uniformidade própria de *curricula* institucionais, incluindo as escolas.

4.º Mesmo assim, a imagem rege-se por códigos e convenções mais ou menos consensuais na sociedade, pelo que tem regras que são simultaneamente relativas à sua iconicidade e ao contexto social da sua interpretação e da sua utilização. Nesse sentido, a escola tem o potencial de transmitir a literacia da imagem. Tem o dever.

5.º A revolução digital, a meu ver a mais importante desde a invenção da imprensa e da revolução industrial e do conjunto das revoluções britânica, americana e francesa, permite o uso mais facilitado de sempre de divulgação de imagens existentes, da manipulação de imagens existentes e da criação de imagens, manipuladas ou não após ou durante a sua criação, com ou sem texto escrito. Nesse sentido, o ensino da leitura das imagens

torna-se ainda mais importante, acrescentando ao ensino a aprendizagem de princípios éticos da sua divulgação (incluindo etiqueta, boa educação...), que já existem para a linguagem escrita e oral.

6.º A revolução digital corre a par da explosão do Eu e da sua apresentação na sociedade contemporânea. Vivemos a era da *presentation of selfie in everyday life*. À revolução digital e à explosão do Eu correspondeu a implosão da fronteira entre o público e privado, que passa pela utilização de imagens próprias ou alheias, com ou sem o conhecimento daquela fronteira. A questão é que a fronteira público-privado tem mudado e continua a mudar e, ao mesmo tempo, não é a mesma para todos. Nesse sentido, torna-se necessária a aprendizagem da ética, ou de uma nova ética, da divulgação de imagens, que tome em conta a relativização da fronteira entre o público e o privado.

7.º Nas redes sociais digitais (que não são apenas redes sociais, mas também catálogos móveis de publicidade e média em potência) os perigos da divulgação de imagens próprias e alheias aumentam, tornando necessária a pedagogia da sua utilização e eventualmente, a verificação da actualidade da legislação em vigor a esse respeito, legislação que deve proteger em simultâneo as liberdades individuais e públicas.

8.º Com a revolução digital, não foi apenas a comunicação que se democratizou. Também a literacia dos média e das imagens se democratizou, e deveria democratizar-se sempre mais. Eu vejo a minha actividade de crítico dos média como parte da necessária democratização da literacia das imagens e parece-me que quem tem responsabilidades diversas na sociedade no que se refere à educação ou elucidação dos públicos tem uma responsabilidade cívica de se empenhar quotidianamente na elucidação das imagens junto do público ou públicos a que tem acesso. Há demasiados especialistas, entre os quais professores universitários, em silêncio nos locais digitais em que esses públicos estão, como as redes sociais digitais.

9.º A literacia das imagens em movimento é mais complicada do que a das restantes imagens. Porque é mais demorada e, todo o processo e porque é mais manipuladora por natureza, sobrepondo sempre um novo tempo ao seu próprio tempo, e ao do espectador que arrasta na sua passagem do tempo. Com a crescente aproximação do cinema e da televisão e com a exponenciação de uma nova categoria na Internet, os pequenos vídeos, será importante que a literacia da imagem englobe na teoria, na academia e nas práticas educativa e de elucidação pública, quer o cinema, quer a televisão, quer o “vídeo”.

10.º A revolução digital também foi, está a ser, a revolução das massas, tomando conta de parte do espaço público e amiúde com um discurso contra as elites.

A literacia da imagem deve ser o mais inclusiva e dialógica possível; a literacia da imagem, se for “dirigista”, muito de “cima para baixo”, falhará. Têm de ser as pessoas a descobrir, pelo processo dialógico, o que há para ler nas imagens para lá do que há para ver.

Citação:

Torres, E. C. (2017). Dez telegramas sobre a literacia da imagem. In S. Pereira & M. Pinto (Eds.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 4.º Congresso* (pp. 17-19). Braga: CECS.